



Acervo da Folkcomunicação - 1998-2016: Levantamento, considerações e apontamentos. ¹

Cristina Schmidt²

RESUMO

O trabalho que segue traz um levantamento representativo das produções em livros sobre Folkcomunicação nos últimos 18 anos. Esse material apresenta uma categorização das obras e oferece uma possibilidade de diferentes análises para compreensão do percurso das pesquisas em folkcomunicação. Para fazer os apontamentos foram retomados o o método, as classificações e reflexões realizadas à importante pesquisa nacional “Cartografia da Folkcomunicação: análise das obras 1998-2008”. Partindo da categorização dos livros desse período, que ainda não foi publicada, este estudo acrescenta a caracterização/análise dos livros produzidos até 2016. Como resultado, fica evidente que o grupo de pesquisadores e as produções ampliaram significativamente, e que muitos avanços teórico-metodológicos estão sendo demarcados à disciplina.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação, Pesquisa, Produção, Metodologia.

¹ Trabalho apresentado no GT Teorias da Folkcomunicação da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Cristina Schmidt. Doutora em comunicação e Semiótica pela PUC-SP; Mestre em Teoria e Ensino em Comunicação pela Metodista-SP, Pós-doutora pela Cátedra UNESCO/Umesp. Atualmente é Coordenadora, professora e pesquisadora do Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes- UMC. Coordena o Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas da UMC, e o Grupo de Pesquisa Comunicação, Diversidade e Cidadania CNPq/UMC. Também atua no Curso de Comunicação e Design da UMC, e no Curso de Administração na Faculdade Bertioga – FABE. É Sócio-fundadora da Rede Brasileira de Estudos da Folkcomunicação – Rede Folkcom, e Sócia da Intercom. E-mail: cris_schmidt@uol.com.br.

1. O campo, as batalhas e a interdisciplinaridade

A Folkcomunicação vem percorrendo múltiplos territórios, com múltiplas diversidades de modo interdisciplinar. Tem envolvido pesquisadores em diferentes estágios de envolvimento acadêmico-científico e profissional. As pesquisas na área estão rompendo fronteiras e se expandem para alguns países da América Latina, da América Central e do Norte e da Europa, e podem ser acessadas em anais de eventos científicos, e em publicações compartilhadas (algumas delas analisadas abaixo). Tudo isso pode ser entendido como conquista de espaço científico que resiste com a Rede Brasileira de Pesquisas em Folkcomunicação, com a manutenção de conferências regulares – nacionais e internacionais, com a manutenção do Grupo de Pesquisa na Intercom, o Grupo de Trabalho na ALAIC e na Conferência da IBERCOM.

Desde o início, os eventos da Rede FOLKCOM têm se preocupado em definir previamente um recorte de estudo dentro do âmbito da folkcomunicação. A finalidade de tal postura está em estimular a reflexão e produção acadêmica com referenciais e parâmetros comuns, além de proporcionar uma concentração mais sistematizada em determinadas temáticas de acordo com os aportes contextuais e metodológicos dos centros de pesquisas que acolhem os eventos. Por essa ampliação de pesquisadores e de atuação transfronteira, a interdisciplinaridade se aguça, ora acentuando e reforçando o campo da Folkcomunicação; ora sobrepondo e evidenciando outro campo disciplinar.

Essa postura da Rede Folkcom, mais particularmente de alguns pesquisadores ortodoxos, em demarcar o território e pontuar o percurso teórico-metodológico vai ao encontro do que Luiz Beltrão argumenta em seu texto “A pesquisa em folkcomunicação” que o desconhecimento do contexto e da delimitação do objeto, ou melhor “o desconhecimento ou a não –consideração desses condicionantes é que tem, a meu ver, prejudicado o desenvolvimento de autênticas pesquisas em folkcomunicação” (1983, p. 72). Para ele, as pesquisas acabam em meras descrições superficiais de manifestações culturais, ou com interpretações preconcebidas. Elas não vão, além disso, para o “significado intrínseco e atual do pensamento do indivíduo ou grupo marginalizado” conforme preconiza o campo da folkcomunicação.

No capítulo “A pesquisa em Folkcomunicação propõe comprometimento acadêmico e profissional”, Cristina Schmidt (in MELO e SANTOS, 2016, 163-170) faz uma avaliação do artigo “A pesquisa em folkcomunicação”, de Luiz Beltrão (1983, p.70-73) onde ele argumenta em favor da demarcação da disciplina Folkcomunicação para o campo da comunicação no que se refere à formação e atuação do profissional e do pesquisador. Ele traz, desde o início e até os nossos dias, como a batalha acadêmica tem sido muito grande por parte de “poucos” para demarcar e elucidar uma metodologia. Além disso, fazer com que tal teoria – genuinamente brasileira – seja reconhecida e ganhe status de ciência da comunicação.

Nesse artigo, Luiz Beltrão, que dedica grande parte de seus estudos a conceber a teoria e aplicá-la em estudos empíricos, antes mesmo de escrever e defender sua tese (1967), identifica alguns pesquisadores como fundamentais para a continuidade de seus estudos e para a sedimentação da Folkcomunicação em grupos de pesquisa, publicações e eventos. Ele destaca os professores e pesquisadores Roberto Benjamim, Osvaldo Trigueiro, Alice Koshiyama, Joseph Luyten, José Marques de Melo, Veríssimo de Melo, Alberto Peres; como sendo lideranças acadêmicas na atuação e disseminação da teoria no ensino, e na constituição de núcleos e grupos de trabalho para realização de pesquisas nessa área.

Ele afirma com veemência, se referindo à Intercom: “é a primeira vez que uma entidade dedicada à Comunicação em nosso País integra, em um ciclo de estudos específicos sobre pesquisa, o que se fez e se está fazendo na área da folkcomunicação” (BELTRÃO, 1983, p.70). De acordo com o autor, a Intercom é uma entidade que “tem prestado valiosos serviços à cultura nacional e aos estudiosos em geral” por realizar eventos e fazer publicações que contemplam pesquisas e reflexões no campo da comunicação. (BELTRÃO, 1983, p.75).

O pesquisador vê no espaço propiciado pela maior e mais representativa entidade científica brasileira, que abriga as diferentes linhas e estudos interdisciplinares da Comunicação, uma contribuição memorável e de reconhecimento para sua teoria. Muito embora reconheça algumas críticas que apontam, a partir de seus objetos e suas abordagens, a abrangência do campo da folkcomunicação extrapolando a compreensão de uma disciplina e, por isso, traz muitos questionamentos dos pares ou adeptos de

outras linhas de investigação. Ele coloca a Comunicação como área de maior abrangência, e argumenta:

Penso que a disciplina Comunicação extrapola o âmbito de qualquer outra para a qual se volte: bastaria, para exemplo, considerar as áreas da ciência, da educação ou da religião, para cujo tratamento comunicacional se reclama do estudioso ou do pesquisador a penetração em campos tão diversos como os da política, das finanças e da arte. Penso que a comunicação está no centro do diálogo, como o sol em torno do qual giram os corpos celestes por ele iluminados e que, sem ele sequer poderiam ser por nós pressentidos. Os sistemas de Comunicação Social, seja o de Folkcomunicação (como acontecerá quando e se se tornar efetivo o da Exobiocomunicação) extrapolam efetivamente qualquer das áreas específicas, científicas, artísticas, filosóficas ou pragmáticas com que e de que tratem. São por essência interdisciplinares. (BELTRÃO, 1983, p.68)

Outro aspecto que recebe contundentes críticas está relacionado à delimitação que o termo folkcomunicação induz, ou seja, o estudo dos processos de comunicação existentes no folclore, nas palavras de Luiz Beltrão: “Folkcomunicação, é o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 2001, p.70). Apesar de já trazer no próprio conceito a possibilidade e não a obrigatoriedade em ter ligação direta ou indireta, a interpretação recorrente e discriminatória está em ser um estudo voltado para o folclore e, por isso, um estudo ultrapassado e inferior.

José marques de Melo esclarece que a perspectiva da Folkcomunicação de Luiz Beltrão causou incomodo e resistência em duas áreas de estudos:

(...) a dos folcloristas conservadores (que pretendiam defender a cultura popular das investidas midiáticas modernizantes) e a dos comunicólogos libertadores (que pretendiam fazer da cultura popular o cavalo de Tróia das suas batalhas políticas em lugar de apreender nessas manifestações o limite da resistência possível de comunidades empobrecidas cuja meta é a superação da marginalidade social). (MELO, 2003, p.3)

Trata-se, evidentemente, de um procedimento artesanal e horizontal onde ocorre a comunicação interpessoal através de canais conhecidos pelos grupos mas em territórios variados, seja rural ou urbano, mas inserido no contexto da “cultura dos marginalizados” dos processos hegemônico. Portanto, além desse aspecto geográfico-cultural, o folclore é tomado como um arcabouço de conhecimento dos diferentes segmentos sociais; ele compõe a diversidade cultural e vai sendo recriado no contexto social global. (SCHMIDT, 2012, p. 92)

E, como já esclareceu o professor Antonio Hohlfeldt em 2001, quando na reedição do livro de Beltrão:

A folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. (HOHLFELDT in BELTRÃO, 2001, p.32)

Para trazer a caracterização e fazer observações sobre as publicações analisadas neste trabalho foi preciso desconstruir os referenciais científicos e políticos que usufruem o universo do popular, e se distanciar dos preconceitos acadêmicos inflados pelo eurocentrismo científico. Pois entendemos que nessa teoria encontramos uma atualidade para analisarmos as interações entre o local e o global nos processos culturais contemporâneos, muito em evidência nesse momento sombrio pelo o qual passa o Brasil. Momento que exige dos pesquisadores um comprometimento acadêmico e profissional da área da Comunicação, voltando os esforços para um trabalho que contribua com o fortalecimento da democracia de modo digno que compreenda e propicie um olhar atento aos grupos marginalizados para uma atuação consciente e consistente em suas expressões e lutas.

2. A Pesquisa

O estudo que segue traz um levantamento bastante representativo com apontamentos a cerca das produções em livros (obras completas) sobre folkcomunicação nos últimos 18 anos. Esse material traz uma categorização das produções e oferece uma possibilidade de diferentes análises para compreender o percurso das pesquisas em folkcomunicação. Para fazer as considerações retomei algumas reflexões e classificações que fiz à importante pesquisa coordenada pelo prof. José Marques de Melo, centralizada na Cátedra UNESCO/Methodista, denominada “Cartografia da Folkcomunicação: análise das obras 1998-2008”. Retomo também a classificação dos livros desse período, e que ainda não foi publicada, e acrescento –



seguindo as mesmas orientações – a caracterização/análise dos livros produzidos até 2016.

Em 2008, a Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, através da Rede FOLKCOM - Rede Brasileira de Pesquisa em Folkcomunicação, em parceria com o Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e o Grupo de Trabalho sobre Folkcomunicação da ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación), propôs a reconstituição do "Acervo da Folkcomunicação", inventariando as produções dessa área no período de 1998 a 2008, compreendendo os dez anos da Rede FOLKCOM.

Esse inventário mobilizou pesquisadores atuantes naqueles dez anos que tiveram a finalidade de descrever o estado da questão do campo da folkcomunicação, contribuindo para a formulação de diretrizes capazes de fazer avançar o conhecimento, a interpretação e a exegese dos fenômenos da cultura popular, determinados pelos fluxos midiáticos ou por eles intermediados.

Para isso, buscou-se mapear os estudos folkcomunicacionais, identificando:

- a) marcos teóricos,
- b) suportes metodológicos,
- c) objetos de estudo,
- d) sujeitos investigantes,
- e) fontes embasadoras,
- f) canais de difusão,
- g) outras variáveis.

E, o corpus para a investigação foi delimitado em três grupos:

a) Fontes impressas

Livros e fascículos
Artigos em periódicos
Verbetes em glossários

b) Literatura cinzenta



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

Artigos em anais

Teses e dissertações

TCCs (Trabalhos de Conclusão de Cursos) e ICs (Iniciação Científica)

c) Fontes eletrônicas

Audiovisuais

Textos em portais digitais

Durante a Conferência Nacional de Folkcomunicação realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2008, na cidade de Natal, esse levantamento foi apresentado em versão preliminar com dados que demonstraram a rica produção da área no período de 10 anos. Em outros eventos como a Conferência Nacional de Folkcomunicação de 2011, em Juiz de Fora, também foi oportunamente apresentado alguns tópicos que questionariam a atuação dos pesquisadores e os encaminhamentos da pesquisa dessa área.

Agora, em 2016, consideramos apropriado retomar e avançar nessa cartografia, a fim de verificar a situação das publicações e das questões que ainda se fazem pertinentes para os encaminhamentos que emergem na ciência brasileira e no cenário crescente de marginalizados culturais.

3. Mapeamento e Identificação das Obras 1998-2008.

Os livros analisados nesse período compuseram um total de 18 títulos que nós tivemos acesso, dentre eles importantes obras que se tornaram referência para os pesquisadores da área no Brasil e no exterior, mesmo sendo em língua portuguesa. São eles:

BENJAMIN, Roberto. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: Universidade Católica de Pernambuco / Associação de Imprensa de Pernambuco, 1998.

MARQUES DE MELO, José e KUNSCH, Waldemar. (orgs). **De Belém a Bagé: imagens midiáticas do natal brasileiro**. São Bernardo do Campo: IMS, 1998.

SCHMIDT SILVA, Cristina. **Viva São Benedito! - Festa popular e turismo religioso em tempo de globalização**. Aparecida: Santuário, 2000.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2000.



MARQUES DE MELO, José (org). **Mídia e Folclore**. Maringá: Faculdades Maringá, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação. Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e de expressão de idéias (tese de doutorado)**. Brasília, 1967. Porto Alegre: EDIPUCRS/Famecos. Coleção Comunicações, n 12, 2001.

SOARES, Orávio de Campos. **Muata Calombo consciência e destruição: o olhar da imprensa sobre a cultura popular da região açucareira de Campos dos Goytacazes**. Campos de Goytacazes, RJ: Editora Fafic, 2004.

BREGUEZ, Sebastião. **Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2004.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

DOURADO, Jaqueline (org.) **Folkcom: do ex-voto à indústria dos milagres – a comunicação dos pagadores de promessas**. Teresina: Harley, 2006.

SCHMIDT, Cristina. (org.) **Folkcomunicação na arena global**. Avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

LUCENA FILHO, Severino Alves. **A festa junina em Campina Grande, Paraíba: evento gerador de discursos organizacionais no contexto do folkmarketing**. João Pessoa: Editora UFPB, 2007.

TRIGUEIRO, Osvaldo M.; Marques de Melo, José. **Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

GADINI, Sérgio e WOITOWICZ, Karina Janz (orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa/PR: Editora UEPG, 2007.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

4. Resultados

Levando em consideração as preocupações apresentadas na introdução deste trabalho e as categorias definidas na pesquisa da Cátedra UNESCO/Metodista, alguns pontos tornam-se relevantes para o debate:

a) marcos teóricos: o difusionismo norte-americano (pesquisas de campo e de líder de opinião); os estudos culturais (que valorizam os elementos da cultura popular

ou iletrada); e os estudos da chamada escola latino-americana de comunicação (enfocam os hibridismos e miscigenações culturais, o convívio de múltiplos entrecruzamentos culturais).

b) suportes metodológicos: grande ênfase para pesquisas etnográficas, estudos de caso e estudos descritivos, pesquisa de levantamento documental e bibliográfico, e análise de conteúdo. Em menor grau aparecem pesquisas participantes, estudos comparados e análise de discurso.

c) objetos de estudo: as manifestações culturais dos grupos marginalizados urbanos e rurais - os processos de comunicação aí localizados, as relações com a mídia (apropriação ou apropriado).

d) sujeitos investigadores: Pesquisadores com maturidade acadêmica (“discípulos de Beltrão”) e aqueles que já se dedicam alguns anos produção acadêmica na área; e novos pesquisadores (mestrandos, doutorandos iniciantes na reflexão da folkcomunicação; e estudantes de graduação – iniciação científica).

e) fontes embasadoras: Todos trabalham com o material bibliográfico de Beltrão e seus interpretantes; e, podemos dizer que compartilham também de bibliografia relacionadas as áreas da sociologia, antropologia, semiologia e nos estudos de folclore. Existe uma reduzida citação e utilização de teorias da comunicação e do jornalismo.

f) canais de difusão: as obras são divulgadas principalmente em eventos científicos (Intercom, Celacom, ALAIC, Folkcom, Lusocom), em espaços acadêmicos (universidades, grupos de pesquisa e associações culturais).

5. Aspectos que devem ser considerados:

- ▶ Ainda falta coerência, refinamento e precisão teórica (por isso os esforços de algumas publicações para delimitar conceitos e metodologias).
- ▶ Grande parte das pesquisas revelam-se mais direcionadas a estudos antropológicos e sociológicos do que comunicacionais (talvez pela presença de grande número de folcloristas nas produções);
- ▶ Mesmo os estudiosos dos fenômenos comunicacionais acabam adotando metodologias e abordagens das ciências sociais;



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

- ▶ Existe uma tendência à adoção de referências “estrangeiras” às latino-americanas (os estudos culturais ou a perspectiva dos hibridismos) ocorrendo uma subvalorização da teoria da folkcomunicação.
- ▶ São raros os trabalhos (livros ou capítulos) que apresentam uma reflexão efetivamente epistemológica da comunicação - folkcomunicação.

Essas reflexões finalizam as análises do primeiro período, 1998 a 2008. As ponderações das produções dos próximos oito anos, caminham para uma configuração muito próxima do que se viu até então. São mais 18 (dezoito) obras em oito anos que em 14 (catorze) trazem a temática da folkcomunicação como totalidade da obra, e em 04 (quatro) trazem capítulos dentro de livros relacionados à Comunicação, às Políticas Públicas ou ao Turismo. Dessas, três podem ser consideradas obras de referência, como aconteceu nos anos anteriores. E o que fica evidente, é que existe um esforço reconhecido por parte de uma nova geração de pesquisadores em Folkcomunicação (Guilherme Moreira, Iury Parente Aragão, Eliane Mergulhão), inclusive na internacionalização da Rede Folkcom e seus eventos e produções. Mas que, do mesmo lado caminham os da segunda geração que persistem (Marques de Melo, Severino Lucena, Cristina Schmidt, Sérgio Gadini, Karina Janz) e que lideram os processos de atualização e construção metodológica na área.

Bibliografia de Referência

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2001.

_____. **A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. A pesquisa sobre folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José. (Org.). **Pesquisa em Comunicação no Brasil**. São Paulo: Cortez/Intercom, 1983.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e transmissão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 4ª ed., 2003.



XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE

MELO, José Marques de. **Folkmídia: a difusão do folclore pelas indústrias midiáticas**. VI Conferência Nacional de Folkcomunicação. São João da Barra/RJ: abril, 2003.

MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (orgs). **Mídia Cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SCHMIDT, Cristina (ORG.). **Folkcomunicação na Arena Global** : avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.